



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL



Falando do "boca-suja" Plínio Marcos...

Hoje, recordei a vinda de Plínio Marcos a Montes Claros. Foi antes de 1999, ano em que o polêmico autor deixou de luto o teatro brasileiro. Tive a oportunidade ímpar de entrevistá-lo, ao vivo, na 98FM e o cuidado de gravar toda a conversa numa fita cassete - que bobeei emprestando para um amigo. Nunca me devolveu.

Foi uma entrevista recheada de temas cabeludos como censura, proibição de suas peças, a marginalidade de suas obras (vendidas por ele mesmo nas esquinas de São Paulo) e de suas personagens decadentes num submundo violento e promíscuo. "Meu teatro é o Brasil", resumiu.

Aproveitei e pedi autorização para montar algumas de suas peças e ele não relutou. Ali mesmo, no estúdio, apanhou um papel e nele redigiu a autorização. Assim, pude montar três de suas obras: "Dois perdidos numa noite suja", "Navalha na Carne" e "Barrela", todas, então, já liberadas pela censura.

Plínio falou de sua presença na cidade para "bater um papo com as pessoas" no Centro Cultural Hermes de Paula. Perguntei que tipo de "papo" e ele adiantou: "daqueles de arrepiar todos os cabelos do cu...orpo".

O Centro Cultural estava lotado quando Plínio entrou em cena experimentando o o microfone: "esperma entrando. Um, dois, três. Som. Som. Esperma entrando..."

Iniciou o "papo" tecendo críticas e ridicularizando isso e aquilo, até chegar à "burguesia que lota este auditório". Ele poderia vê-la, dali do palco, através de seus "longos vestidos, rouges, batons e penteados" que não resistiriam a "um sopro". E abominou suas "atitudes puritanas" de não suportarem ouvir, por exemplo, expressões populares "tão comuns e ingênuas como cu, um troço que todo mundo tem".

Daí pra frente, com o vocabulário desandando de vez, a metade da plateia permanecia estática e ruborizada. Foi quando uma senhora, acadêmica, respeitada escritora norte-mineira, altiva, de família tradicional, levantou-se da poltrona e se dirigiu para a porta de saída. Fez-se um silêncio sepulcral, rompido apenas pelos sons dos seus sapatos de saltos altos, que ecoaram pelo auditório.

Toc toc toc...

E logo outras pessoas a acompanharam. Plínio não perdeu tempo: "Ouçam! Ouçam! Este é o som do puritanismo. É ele que está indo embora com todos os cus que puder levar junto e fugindo do nosso papo!"

Plínio Marcos não tinha mesmo papa na língua.

A metade da platéia permaneceu até o fim, ainda que muita gente fosse vista envergonhada, estática e ruborizada, grudada à poltrona.

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



